

PLANTAS ÚTEIS DA RESTINGA: O SABER DOS PESCADORES ARTESANAIS DE ARRAIAL DO CABO, RIO DE JANEIRO



Viviane Stern da Fonseca-Kruel¹

Ariane Luna Peixoto¹

Cyl Farney Catarino de Sá¹

Dorothy Sue Dunn de Araujo²

Wilson Luiz da Silva³

Alexis Jose Ferreira³

INSTITUTO DE PESQUISAS JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro
2006

¹ Pesquisador do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro

² Professora do Departamento de Ecologia - Universidade Federal do Rio de Janeiro

³ Pescador artesanal da Associação de Pescadores de Arraial do Cabo



Copyright © 2006 por JBRJ

Presidência da República

Luis Inácio Lula da Silva
Presidente

Ministério do Meio Ambiente

Marina Silva
Ministra

Claudio Langone
Secretário Executivo

Instituto de Pesquisas

Jardim Botânico do Rio de Janeiro

Liszt Vieira
Presidente

Leandro Freitas

Gestor do Comitê de Divulgação Científica

Comitê de Divulgação Científica

Maria Teresa de Jesus Gouveia (Coordenadora)
Terezinha Costa Lopes (Coordenadora-Substituta)
Begonha Eliza H. Bediaga
Cláudio Nicoletti de Fraga
Carmem Silvia Lemos M. Machado
Massimo Giuseppe Bovini

Digitação do texto:

Viviane Stern da Fonseca-Kruel

Revisão Gráfica:

Carla Maria de Mendonça Molinari

Projeto Gráfico:

Q Idéia Criação e Produção Gráfica Ltda

Foto da capa:

Vegetação da restinga e retrato do cotidiano dos pescadores artesanais de Arraial do Cabo, Rio de Janeiro, Brasil. (Fonte: Viviane Stern da Fonseca-Kruel)

Ficha Catalográfica:

Viviane Stern da Fonseca-Kruel; Arianne Luna Peixoto; Dorothy Sue Dunn de Araujo; Cyl Farney Catarino de Sá; Wilson Luiz da Silva e Alexis Jose Ferreira. Plantas úteis da restinga: O saber dos pescadores artesanais de Arraial do Cabo, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2006.

42p. (capa)il.

ISBN: 85-60035-02-8

Inclui bibliografia.

1. Etnobotânica, 2. Brasil, 3. Região de Cabo Frio, 4. Vegetação de restinga, 5. Pescadores artesanais.

Apresentação



Nascida do encontro entre diferentes conhecimentos, povos e ciências, a etnobotânica tem se desenvolvido nos últimos anos sob a promessa e expectativa de contribuir ao processo de documentação, revalorização, reconhecimento e aplicação de conhecimentos locais, sobretudo em vista dos angustiantes problemas sociais e ecológicos que os povos enfrentam. Estas promessas e expectativas estão refletidas neste manual, fruto de estreita colaboração de muitos anos entre pesquisadores e especialistas locais - neste caso, dois pescadores do Arraial do Cabo, Rio de Janeiro. De uma forma amena, esta publicação nos apresenta um resumo dos conhecimentos etnobotânicos neste maravilhoso local do país extraordinário e de grande diversidade que é o Brasil.

Além disto, este manual também emoldura estes conhecimentos no contexto do meio ambiente, história e realidade social de Arraial do Cabo, ressaltando alguns dos desafios enfrentados pelos pescadores artesanais. A informação contida nas 20 fichas das plantas mais importantes dentro da vida familiar e da economia de subsistência é apresentada de uma forma concisa e clara que, sem dúvida, facilitará sua utilização por parte de um variado grupo de leitores; pesquisadores, estudantes, do público em geral e, especialmente dos próprios pescadores. No seu conjunto, esta bela publicação oferece um pequeno tributo aos conhecimentos de um povo e brinda uma valiosa oportunidade para a transmissão deste conhecimentos aos mais jovens.

Dr. Miguel N. Alexiades
Departamento de Antropologia
Universidade de Kent Marlowe College
Canterbury, Kent



Prefácio

Os ecossistemas costeiros brasileiros (mata atlântica, restinga e manguezal), por sua alta diversidade em ambientes, espécies e saberes de seus habitantes propiciam uma multiplicidade de usos de plantas até hoje não completamente conhecida e avaliada. Estudos etnobotânicos envolvendo entrevistas, coleta de exemplares botânicos indicados, identificados e documentados poderão levar a resultados que fornecerão subsídios para a ecologia e conservação dos ecossistemas costeiros brasileiros.

Este manual visa resgatar e registrar as informações sobre as espécies mais utilizadas pelos pescadores artesanais em Arraial do Cabo, a partir dos saberes que estes detêm sobre o ambiente e suas plantas. Tais informações são em parte, oriundas da dissertação de mestrado de Viviane Stern da Fonseca-Kruel apresentada ao Curso de Ciências Ambientais e Florestais da UFRRJ. Teve como base pesquisas etnobotânicas realizadas nos anos de 2000 e 2001 junto aos pescadores artesanais *cabistas* na faixa terrestre da Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, da Praia Grande à Figueiras, cuja vegetação predominante é de restingas e dunas. Este estudo teve início a partir do consentimento prévio dos pescadores locais.

O manual é uma parceria entre pesquisadores e pescadores artesanais, como forma de devolução e compartilhamento do conhecimento sobre as plantas úteis da região de Arraial do Cabo, bem como parte do registro da história oral local.

Para resgatar as informações sobre as plantas úteis, foram realizadas entrevistas individuais, semi-estruturadas com 15 pescadores artesanais *cabistas* (nascidos e criados em Arraial do Cabo), do gênero masculino, com idades entre 35 e 87 anos. Três destes pescadores apresentaram idades entre 35-45 anos, outros três, com idades de 46-55, cinco de 56-65 anos e quatro de 66-87 anos.

Viviane Stern da Fonseca-Kruel

Núcleo de Conservação *in situ* e *ex situ* / DIPEq

Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro

Agradecimentos



A elaboração deste manual contou com o apoio financeiro do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro (Ministério do Meio Ambiente), importante colaboração da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Departamento de Ecologia), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Associação de Pescadores de Arraial do Cabo (APAC) e Associação de Pescadores da Reserva Extrativista de Arraial do Cabo (AREMAC).

Agradecemos aos pescadores da APAC e AREMAC pelo apoio, disponibilidade, amizade, hospitalidade e ensinamentos transmitidos através das informações passadas nas entrevistas concedidas, bem como pelo orgulho de ser cabista, valorizando e preservando a restinga e suas tradições locais, em especial a:

- | | |
|------------------------------|---------------------------------|
| - Acrimaldo da S. Dias | - Ernani Teixeira da Silva |
| - Ademas A. de Oliveira | - Joaquim Rodrigues de Carvalho |
| - Alzemiro Tostes de Macedo | - Jorge Enilson |
| - Anastácio Félix de Andrade | - Manoel Melo da Silva |
| - Antonio Carlos de Moreira | - Manuel Teixeira de Melo |
| - Arino da Silva | - Ovídio Francisco de Carvalho |
| - Cláudio Molinário Sobrinho | (<i>In memoriam</i>) |
| - Dilvar Rangel Teixeira | - Silas Dias Pereira |
| - Edigar Vieira de Macedo | - Sisenando Simas de Carvalho |
| - Edilson Andrade da Costa | |

Ao Sr. Fabio Fabiano pelo apoio prestado entre os anos de 2000 e 2001 pois, nesta época, era gerente da Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo (RESEX de Arraial do Cabo) pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA.

Agradecemos aos botânicos: G.M. Barroso (*In memoriam*); M.C. Souza; M. Sobral; H.C. Lima; M. Bovini; E.F. Guimarães; M. P. Morim; R.C. Forzza; C.G. Pinto; M.F. Agra; G.V. Freire; M. Nadruz; L.D.A. Freire; M.F. Freitas; R.H. Andreatta pela identificação do material botânico, bem como da revisão das descrições e informações complementares. Aos estagiários: Maria de Paula, Ana Carolina Vinchon e João Felipe Guimarães pelo apoio na organização das informações e na busca de bibliografias.

À etnobotânica Dra. Montserrat Rios, às professoras Maria Letícia Martins Moliterno e à pesquisadora Maria Beatriz de Barros Barreto pela amizade e valioso apoio na revisão científica do manuscrito.



Sumário

Onde se localizam os pescadores artesanais <i>cabistas</i> ?	1
Breve histórico da região de Cabo Frio	3
História de vida dos pescadores artesanais <i>cabistas</i> relacionadas ao uso de plantas	4
A Restinga e a percepção do ambiente pelos pescadores artesanais <i>cabistas</i>	8
Bibliografia citada	9
As plantas mais utilizadas pelos pescadores artesanais <i>cabistas</i>	10
1. Aroeira	12
2. Arumbeba	13
3. Bacupari	14
4. Bajirú	15
5. Bapuana	16
6. Cabeça-de-frade	17
7. Caju	18
8. Cambuí	19
9. Canema	20
10. Cardeiro	21
11. Cipó-imbê	22
12. Gravatá	23
13. Guapeba	24
14. Guriri	25
15. Ingá-mirim	26
16. Japecanga	27
17. Murici	28
18. Pitanga	29
19. Saputiquiaba	30
20. Tucum	31
- Glossário	32
- Retratos do Cotidiano	35

Onde se localizam os pescadores artesanais cabistas?



O município de Arraial do Cabo, apresenta uma população de 23.877 habitantes¹. Faz parte da região de Cabo Frio com cerca de 1.500 km² de área, onde existem extensas planícies arenosas costeiras (as restingas), depósitos aluviais e lagoas. As altitudes variam desde o nível do mar até 500 m.

Em termos geomorfológicos, é uma das regiões mais diversas do litoral norte do estado do Rio de Janeiro, pois apresenta grandes lagoas, dunas (Tucuns, Però, Conchas, Cabo Frio-Arraial do Cabo, da extremidade oeste da Massambaba e em Saquarema) e ainda três esporões que penetram na Lagoa de Araruama².

Dados da estação meteorológica de Cabo Frio indicam que a precipitação média anual é de 823 mm, a temperatura média é de 23°C, sendo o calor distribuído o ano todo. A umidade relativa do ar é de 83%. Predominam nesta região, durante praticamente todo o ano ventos no quadrante N, com percentuais de frequência superiores a 58%, e velocidades pouco variáveis entre 4 e 6 m/s, com ênfase especial para aqueles de NE, caracterizando o microclima local como uma variação do Clima Semi-Árido Quente (BSH)^{2,3}.

O clima da região é único para o litoral sudeste brasileiro, com pluviosidade reduzida em relação às regiões contíguas. Esta individualização climática deve-se à própria situação de cabo (projeção de planície mar adentro), ao afastamento da Serra do Mar da linha da costa, à presença de uma grande lagoa (Araruama) e ainda à brusca mudança da direção da linha da costa e a presença de águas frias devido ao fenômeno da ressurgência².

O fenômeno da ressurgência (subida de uma corrente de água frias ricas em nutrientes) influencia a região, propiciando condições ideais para o crescimento e migração de inúmeras espécies da flora e da fauna. Tal fato promove a diversidade da biota marinha, o que torna a região propícia para o desenvolvimento da pesca artesanal, especialmente em



Arraial do Cabo², onde foi estabelecida a primeira Reserva Extrativista Marinha do Brasil – a RESEX de Arraial do Cabo.

A RESEX de Arraial do Cabo - localiza-se a cerca de 180 km do município do Rio de Janeiro e 14 km de Cabo Frio (Figs.1 e 2). Compreende um cinturão pesqueiro que se estende de leste para oeste desde as proximidades da Lagoa Pernambuco, na divisa com o município de Araruama, e contornando a Ilha de Cabo Frio, até a Praia do Pontal ainda no município de Arraial do Cabo. Todo esse limite inclui uma faixa marinha de três milhas da costa em direção ao mar, entre as coordenadas 22°56'57"S e 42°04'19"W.

Foi criada por Decreto Presidencial, em 3 de janeiro de 1997, e teve seu início a partir do contato da Prefeitura Municipal com o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e com o Centro Nacional de Desenvolvimento Sustentado das Populações Tradicionais (CNPT). O principal objetivo da RESEX de Arraial do Cabo é garantir a exploração auto-sustentável e a conservação dos recursos naturais renováveis, tradicionalmente utilizados para pesca artesanal, por população extrativista de Arraial do Cabo.

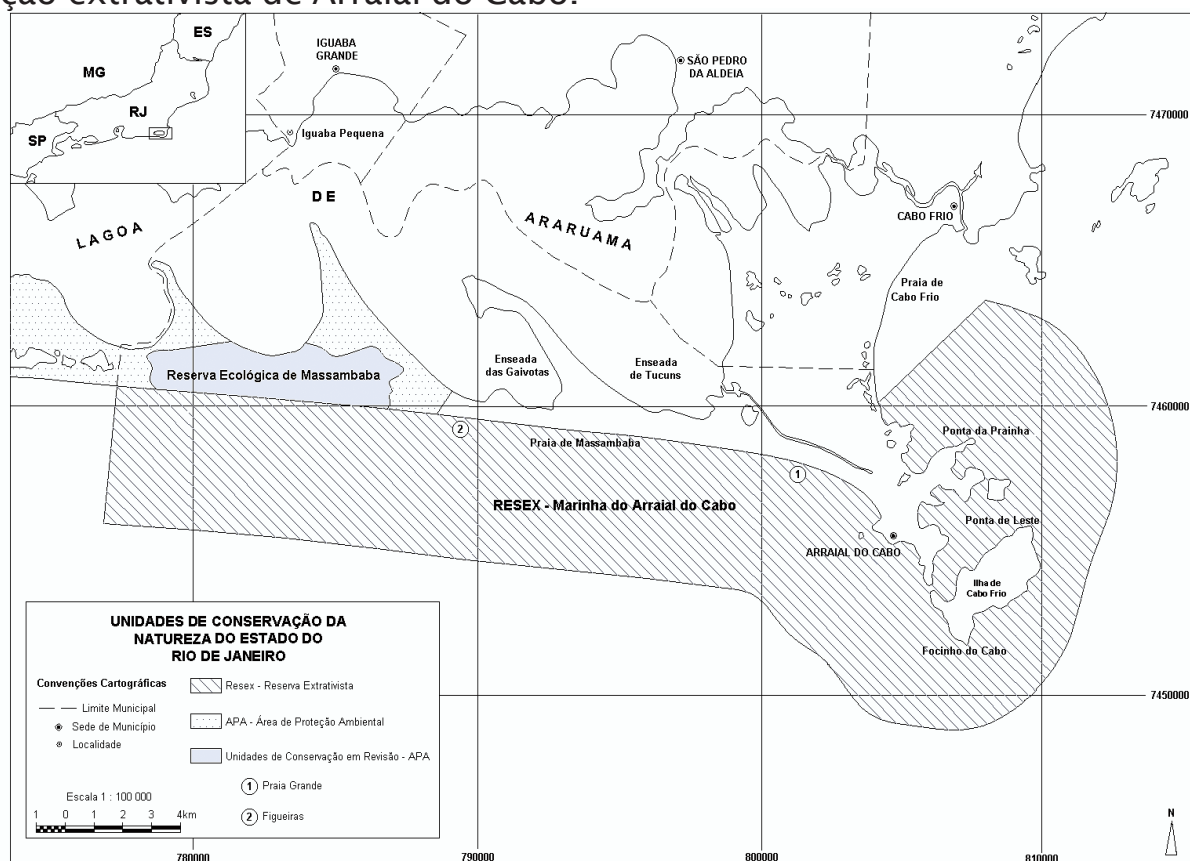


Figura 1. Mapa da Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, Rio de Janeiro (Fonte: Adaptado do Atlas das Unidades de Conservação da Natureza, Governo do Estado do Rio de Janeiro/SEMA 2001).



Figura 2. Trechos da paisagem na restinga de Arraial do Cabo, RJ - a) Dunas cobertas por vegetação rala; b) Duna coberta predominantemente por *Chrysobalanus icaco* (bajirú); c) Mata sobre cordão arenoso (ao fundo) e trecho de restinga baixa com predomínio de *Allagoptera arenaria* (guriri); d) Trecho de mata úmida.

Breve histórico da região de Cabo Frio

Os municípios de Cabo Frio e Arraial do Cabo têm importância histórica por abrigar muitos sítios pré-históricos e ter sido uma das primeiras capitanias, a de São Tomé. Em 1503 aí aportaram naus, enviadas pela coroa portuguesa, na Praia da Rama, atual Praia dos Anjos, dando início à cidade de Arraial do Cabo⁴. Toda esta região passou por períodos de muitas lutas entre portugueses, que a defendiam, e os navegadores de outras nações que pretendiam abastecer seus navios ou fazer contrabando, por exemplo, do pau-brasil⁴.

Os colonizadores aprenderam a viver da nova terra, misturando seus conhecimentos àqueles adquiridos com os índios. Aprenderam novas técnicas e ao mesmo tempo introduziram instrumentos e materiais à cultura local. Com o passar dos anos a população, descendente principalmente de portugueses, devido ao isolamento geográfico e econômico, foi obrigada a produzir seus objetos de uso doméstico, exercendo assim atividade profissional como artesãos⁵.



A economia local era baseada na pesca, tipo de arte que incluía, além da lida no mar, a confecção de cestos de bambus e cipós e de redes grandes e pequenas. Atualmente, destes artefatos, ainda são confeccionadas redes pequenas, tarrafas ou cestos⁵. Ainda hoje, entretanto, seja nas práticas usuais, seja na memória do pescador cabista, há registros que apontam para a combinação de saberes indígena e europeu.

Arraial do Cabo, assim como toda a zona costeira brasileira, vem sofrendo diferentes formas de impacto e pressões antrópicas, causados principalmente pelo modelo de desenvolvimento econômico em voga. A implantação, em Arraial do Cabo, de uma indústria salineira, a Companhia Nacional de Álcalis (CNA), a maior produtora de sal (cloreto de sódio) do Brasil e a única produtora de barrilha (carbonato de sódio) da América do Sul⁶ exemplificam esta forma de impacto.

Antes da instalação da CNA, Arraial do Cabo era um povoado de pescadores constituído por poucas famílias⁷. A implantação da CNA promoveu grandes mudanças sociais, culturais e ambientais. Com a produção industrial a região, passou a adotar padrões urbanos de grandes centros industriais brasileiros⁸, onde o trabalho remunerado na fonte passou a ser um forte atrativo, especialmente para os jovens. Embora muitos pescadores tenham trabalhado durante muitos anos na CNA, não deixaram a pesca artesanal.

A instalação da CNA, em plena restinga da Massambaba, principal local para pescaria de arrasto, foi um marco para Arraial do Cabo. A partir da memória social dos pescadores de Arraial do Cabo⁶ foi registrado que a CNA desencadeou um intenso processo de transformação que refletiu de modo especial nas relações de produção pré-existentes e no ordenamento do uso do espaço⁵.

A história de vida dos pescadores artesanais cabistas relacionadas ao uso das plantas locais

A atividade pesqueira em Arraial do Cabo, uma das mais antigas e tradicionais colônias de pescadores do estado do Rio de Janeiro, ainda é grande. São praticadas diversas modalidades de pesca, como as “campanhas” de cerco de praia, com canoas e redes; a pesca de linha, praticada tanto na pedra como em pequenos “caícos”; a pesca da lula com ou sem atração luminosa e ainda formas mais modernas, como as pequenas traineiras de cerco e a caça submarina do polvo. A criação da RESEX reforçou a pesca e vem auxiliando na ampliação de recursos a serem explorados. A RESEX

permite maior controle da exploração sustentável dos recursos naturais renováveis, desenvolvendo um modelo de gestão social.



Os pescadores das Praias Grande, dos Anjos e Prainha definem-se como pescadores *cabistas* e, ainda como pescadores artesanais. Na maioria, são descendentes de portugueses, alguns de italianos. Poucos são negros ou descendentes diretos de indígenas, embora reconheçam a forte influência dos índios Tamoios na região.

A partir das entrevistas realizadas com os pescadores, foram obtidas definições para pescador *cabista*: “*Cabista é nascido e criado aqui, ele vive da pesca. Cabista é quando pai e a mãe são nascidos no Arraial*”. (Seu Chonca)...

Em Arraial do Cabo, ser pescador não é uma condição somente, e sim uma alternativa possível e desejável de viver socialmente. Ser *cabista*, não significa apenas ser “natural” de Arraial do Cabo, mas implica em pertencer ao sistema social determinado no tempo e no espaço, no qual se inscrevem valores, símbolos e histórias de vida comuns⁶.

Os meios pelos quais os pescadores realizam suas práticas produtivas, seus instrumentos, suas técnicas de produção e o espaço onde estas se realizam fornecem significados próprios que demarcam e designam formas diferenciadas de pescarias que se subdividem e se fundem. Esse sistema auto-classificatório compreende dois universos culturais distintos. O primeiro agrega pescadores de diferentes sistemas de pesca que restringem suas atividades às “beiras de praias” e às áreas próximas às encostas, onde se inserem as modalidades denominadas pescaria de rede (arrasto de praia) e pescaria de linha (linha e anzol) o segundo grupo de pescadores que relacionam às atividades de captura em “mar aberto”, onde se incluem as pescarias de bote e traineira⁶.

Em relação às plantas úteis da restinga em Arraial do Cabo, os pescadores detêm conhecimento, especialmente sobre o potencial medicinal e alimentar. Reconhecem a vegetação de restinga como uma rica fonte de saborosos frutos (cambuí, pitanga, pitangubaia, araçá), e de espécies medicinais (aroeira, bajirú, japecanga).

Existem regras para coleta de espécies a serem empregadas na construção ou conserto de barcos e de casas. Além do tamanho e do porte adequados, as fases da lua regulam a coleta. Não se coleta na lua cheia. Afirmam que alguns artefatos produzidos a partir de técnicas tradicionais e da utilização de produtos naturais são mais eficientes do que aqueles oferecidos no comércio. Mesmo assim não se utilizam mais de algumas tecnologias aprendidas ao longo da história. Linhas de pesca, redes e tarrafas feitas da fibra da bainha foliar do tucum (*Bactris setosa*) são reconhecidas como mais resistentes e duráveis, sendo melhores de trabalhar no mar do que as de “nylon” e algodão, oferecidas no comércio. Entretanto seu processo de fabrico foi abandonado.



Moradia e alimentação tradicional - Até a década de 50, Arraial do Cabo permanecia pequena e a vida dos pescadores bastante simples, embora já contasse com pequenas alterações causadas pela instalação da CNA, na década anterior:

"[...] casa pequena, de estuque, feita de barro, com sapê. Então, eles viviam do peixe que era vendido salgado. Então demorava um tempo pra receber dinheiro. [...] Nos anos 50, em Arraial do Cabo era possível a gente contar quantas casas existiam com cobertura de telha. Eram, 5 ou 6 casas com cobertura de telha, o restante era casa de sapê ... mas aí a Companhia veio... logo após a guerra e começou então a crescer, o pessoal se empregando e ganhando salário"... (Seu Chonca)

Com base nas informações colhidas com os pescadores de mais idade, pode-se determinar que as casas apresentam a seguinte disposição: a frente, local onde a família estendia a esteira nas calmarias; os fundos, reservados para serviços domésticos e de um dos lados, às vezes, uma pequena horta. Esta mesma disposição já havia sido descrita em estudos antropológicos⁸, assim como a construção de casas de pau-a-pique. A casa em Arraial, até os anos 40, era constituída por quatro postes fincados em retângulos, unidos superiormente por quatro barrotes, como uma espécie de armação de mesa e "por cima do retângulo, colocavam-se asnas com pendural, unidas por um pau de fileira"⁸. Os intervalos eram preenchidos por ripas verticais de madeira menos espessa, ou com a palmeira de tucum. O teto era feito com caibros mais finos e o chão de barro umedecido e batido.

A alimentação do pescador, era baseada no peixe e no que era extraído das pequenas lavouras e hortas. Costumava-se fazer duas ou três refeições diárias:

"[...] Tomava café às 5 horas da manhã e ficava alimentado, ia almoçar 11 horas, meio dia ... almoçava peixe, feijão e arroz. De noite jantava. Pescava na parte da manhã, na parte da tarde se fosse possível e à noite também, quando o mar tava calmo". (Seu Alexis)

A organização de lavouras e hortas seguia, basicamente, o mesmo padrão, eram pequenas e para subsistência. Cultivavam batata, mandioca, milho e feijão, além de algumas verduras. *"[...] mas o pescador tinha uma rocinha que chamava de rancho [...] porque naquele tempo a terra aqui era boa. Tinha uma casa que fazia farinha, casa de Seu Domingo e Dona Clara". (Seu Alexis)*

Economia de subsistência: O resgate da história oral - O pescador dependia da venda do peixe para sobreviver. A moeda circulava em função da quantidade do pescado e do preço negociado. O peixe saía salgado para resistir à longa viagem, de Arraial em direção a Rio Bonito, Niterói e Rio de Janeiro. O processo de salgar o pescado se dava nos armazéns, na beira da Praia Grande. O peixe era pescado pelos homens, com raras exceções, por mulheres. Nos armazéns o pescado passava pelo processo de limpeza, retirada das vísceras e colocação do sal, atividade realizada pelas mulheres da vila, chamadas de salgadeiras. A viagem para a

comercialização da mercadoria era feita em lombo de burro através das restingas. O tempo era longo entre a pesca, o processo de salgar e a viagem do pescador para a venda do pescado, quando então obtinha o dinheiro pela sua mercadoria.



“Nos anos 40 Arraial do Cabo era uma vila de pescadores, a Companhia Nacional de Álcalis estava começando ... Todo o peixe que se pescava aqui, ia pro sal, e aí uma pessoa arrematava em leilão. Vendia por cento [...] Tinha um barracão chamado paiol que chegava ali, limpava, tirava as vísceras e salgava os peixes, punham num tanque e ficava ali. Depois eles eram levados em mala ... como a que nós usamos hoje para roupa, de couro. Depois passou a ser levado em jacá ... que é um cesto grande feito de cipó que usa muito nos animais, como nos burros. O peixe salgado era transportado em tropa de burro, saía de Arraial, Cabo Frio, São Pedro, Iguaba, Araruama, Boa Esperança, Itaboraí, Rio Bonito, Silva Jardim [...] era sempre a mesma linha e tinha outra linha daqui para o outro lado, de Campos, São Fidélis. Eles levavam 15 dias, 20 dias [...] pra retornar com o dinheiro. Hoje, o pescador vende ao dono da peixaria, só que ele leva o peixe pro Rio e no dia seguinte ele tem condições de pagar, não pagam na hora. Antes o comprador mandava alguém limpar o peixe e pagava; comprava o sal e mandava alguém salgar; aí tinham as salgadeiras”. (Seu Chonca)

“Comprava fiado, existia os armazéns, as chamadas vendas. O pessoal confiava no pescador [...] e o pescador pagava quando recebia o dinheiro do peixe. (Seu Alexis)

O papel da mulher era de dona de casa, mãe, rendeira (de bilro) e salgadeira de peixe. Além destas funções, periodicamente cortava lenha para cozinhar, nas matas de restinga e em outros morros que circundavam o povoado ⁸. A madeira e o carvão foram combustíveis utilizados até a substituição por querosene, após os anos 50. Além de realizar estas funções, a mulher ainda foi responsável até os anos 70, por prover a casa com água potável, buscando água em cacimbas, poços e bicas.

Religião e crenças da comunidade local - A religião predominante é a católica. Outras religiões são recentes e parecem crescer entre os pescadores. Embora alguns digam freqüentar esporadicamente centros espíritas, ainda assim afirmam serem católicos. As festas religiosas fazem parte da cultura local, e são acompanhadas com atenção pela comunidade.

“A festa mais movimentada que tinha aqui era a festa de São Benedito, depois Santa Terezinha, Nossa Senhora dos Remédios [...] Aliás, são três irmãs: Nossa Senhora do Remédio, Santa Terezinha e Nossa Senhora de Nazaré de Saquarema que é uma festa no dia 8 de setembro. [...] Mas aí mudaram, botaram a festa de Santa Terezinha em 3 de outubro, e Nossa Senhora dos Remédios em 18 de dezembro. Só que São Benedito não botaram mais na rua. A procissão é bonita [...] Acho que aquilo que é tradição do lugar não pode cortar. Não pode deixar de fazer a de São Pedro, porque é o protetor dos pescadores. É a tradição do lugar”. (Seu Alexis)

Em Arraial do Cabo existiam muitas rezadeiras, mulheres consideradas com poder de cura de doenças e males nas das preces e orações. Muitas rezadeiras passaram seus ensinamentos às filhas, mas atualmente isso foi praticamente perdido.



“No Arraial tinha muita rezadeira. A minha mãe era rezadeira de espinhela. [...] Elas tratavam de espinhela caída, fraca. Espinhela é um osso que tem. Sempre diz que a pessoa que se alimenta mal ela enfraquece, então diz espinhela caída. Espinhela a minha mãe curava só com reza. Ela botava a mão ia rezar, botava um pano aqui, uma linha ... e rezava e a gente ia embora”. (Seu Alexis)

A Restinga e a percepção do ambiente pelos pescadores artesanais cabistas

Os pescadores artesanais conhecem bem a restinga, uma vez que esta faz parte da sua vida cotidiana, da cultura e das tradições locais. Os mais antigos afirmaram que seus pais saíam de Arraial do Cabo e caminhavam até Saquarema pela restinga, para pescar com apenas uma cuia, ou coquinho vazio para beber água, pois a restinga aparentemente seca e árida tem água doce abundante no solo, nos baixios (região entre cordões). Na restinga reconhecem muitos frutos comestíveis que saciavam a fome.

Definem restinga como sendo um local onde há muita areia. A planta característica e indicadora de restinga é o guriri, ou coco-guriri (*Allagoptera arenaria*). Reconhecem diferentes áreas de restinga no trecho de Praia Grande à Figueiras, como: a) restinga baixa, com plantas rasteiras, ou ervas; b) restinga alta ou mata, mata com árvores de mais de 8 m de altura; c) duna, montes altos de areia, sem nenhum tipo de vegetação; d) lagamar ou enseada da restinga, local onde a água do mar bate e fica represada.

Pesquisadores que estudam as restingas ressaltam a dificuldade em saber qual a vegetação primitiva das planícies arenosas do litoral brasileiro devido à ação predatória do homem ao longo dos séculos, queimando, cortando parte da vegetação, implantando loteamentos e construindo estradas, descaracterizando o ecossistema com extração intensiva de areia e utilizando estas áreas para lazer de maneira irracional⁹.

A orientação dos pescadores na restinga se dá através do mar, eles têm como referência pontos onde navios naufragaram há muitos anos e alguns caminhos ou pontos em terra. Alguns dos principais naufrágios em sequência da Praia Grande à Figueiras, por eles apontado são: Ibitinga, Penarvo, Afonso e Caledônia. Os dois últimos localizados segundo os mapas da Marinha e IBGE, na Enseada de Tucuns. Embora esta localidade seja reconhecida pelos pescadores *cabistas* como os Afonsos (antigo naufrágio).

Os pescadores artesanais possuem conhecimentos acumulados e passados de geração a geração sobre o ambiente (regime dos ventos e maré); a vegetação e seu potencial de uso. O saber tradicional encontra-se mantido entre os pescadores de Arraial do Cabo, especialmente entre os mais velhos. Há carência na comunidade de espaços para convívio social para que a população possa compartilhar e valorizar os seus conhecimentos.

Bibliografia Citada



1. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. 2001. *Resultados do universo do Censo 2000*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 7 de dezembro de 2001.
2. ARAUJO, D.S.D. 2000. *Análise Florística e Fitogeográfica das Restingas do estado do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Biologia, Programa de Pós-graduação em Ecologia, 2000.
3. BARBIERE, E.B. 1984. Cabo Frio e Iguaba Grande, dois microclimas distintos a um curto intervalo espacial. In: LACERDA, L.D.; ARAÚJO, D.S.D.; CERQUEIRA, R. & TURCQ, B. (eds). *Restingas: Origem, Estrutura, Processos*. Niterói: CEUFF, 1984.
4. CUNHA, M.W. & LIMA, H.C.L. 1992. *Viagem à terra do Pau-brasil*. Rio de Janeiro: Agência Brasileira de Cultura, 1982.
5. PRADO, S.M. 2002. *Da anchova ao salário mínimo: Uma etnografia sobre injunções de mudança social em Arraial do Cabo, RJ*. Niterói: Eduff, 2002.
6. BRITTO, R.C. de C. *Modernidade e Tradição – Construção da identidade social dos pescadores de Arraial do Cabo, RJ*. Niterói: Eduff, 1999.
7. ARAUJO, D.M. Última estrada em Arraial do Cabo – 5 a 20 de janeiro de 1964. Rio de Janeiro, 1965, *Revista do Instituto de Ciências Sociais* 2(1): 211-214.
8. FONTENELLE, L.F. 1960. *A dinâmica dos grupos domésticos no Arraial do Cabo*. Serviço Social Rural (Edições SSR) – Estudos.
9. ARAUJO, D.S.D. & HENRIQUES, R.P.B. *Análise florística das restingas do estado do Rio de Janeiro*. In: LACERDA, L.D., ARAÚJO, D.S.D, CERQUEIRA, R. & TURCQ, B. (Orgs.). *Restingas: origem, estrutura, processos*. Niterói: CEUFF, 1984.



As plantas mais utilizadas pelos pescadores artesanais cabistas

Diversas espécies de plantas das restingas são utilizadas no cotidiano dos pescadores e muitas dessas são também encontradas nos morros próximos a vila, onde vivem os pescadores. Aqui são relacionadas seis categorias de uso, como segue abaixo:

Categorias de Uso	Detalhamento de Usos
Construção	Fundações da casa; Tábuas para o chão e teto; Esteio de casas; Moirões de cercas.
Medicinal	Adstringente; Antiinflamatório; Anti-séptico; Banho como remédio na limpeza dos olhos em casos de “dor d’olhos”, ou seja, conjuntivite; Banho contra “mal olhado”, “descarrego”, para espantar maus espíritos; Calmante; Cicatrizante; Contra anemia e impaludismo; Infuso de folhas em álcool contra dores na coluna, braços e pernas; Remédio para doenças pulmonares e tosse; Remédio para controlar a taxa de açúcar no sangue, diabetes; Remédio para problemas digestivos; Remédio para problemas de fígado e sangue.
Alimentar	Frutos consumidos, diretamente e crus; Frutos usados em refrescos ou sucos; Frutos comestíveis para animais (pássaros); Tempero.
Tecnologia	Confecção de agulhas para costurar redes de pesca (madeira); Da fibra da folha confecciona-se linha para pesca; Confecção de caverna de barco; Consertos de barco; “Borçada” para barco, contorno do barco ou canoa; Forcada e vara para arrastar a rede de pesca; Vara para transportar peixe na feira; Sabão; Látex retirado para auxiliar na caça; Raízes para confecções de bóias em rede de espera para peixes; Raízes cozidas tingem redes de pesca; Confecção de bilrros, utensílio das rendeiras para bordar; Confecção de enchimento de travesseiros; Utensílios.
Combustível	Madeira retirada para lenha de forma geral ou para uso em fogão de lenha.
Ornamental	Planta utilizada como ornamental ao redor das casas e jardins.

Foram selecionadas, a partir da frequência de citação nas entrevistas realizadas com os pescadores, 20 plantas com maior frequência, logo, as mais utilizadas por eles.

Lista das plantas mais indicadas como úteis pelos pescadores artesanais de Arraial do Cabo



Nome comum	Família Botânica	Nome Científico	Frequência de citação
Bajirú	Chrysobalanaceae	<i>Chrysobalanus icaco</i> L.	100%
Guriri	Palmae	<i>Allagoptera arenaria</i> (Gomes) Kuntze	93%
Cambuí	Myrtaceae	<i>Myrciaria floribunda</i> (H. West ex Willd.) O. Berg	93%
Pitanga	Myrtaceae	<i>Eugenia uniflora</i> L.	87%
Aroeira	Anacardiaceae	<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	80%
Guapeba	Sapotaceae	<i>Manilkara subsericea</i> (Mart.) Dubard	80%
Cardeiro	Cactaceae	<i>Pilosocereus arrabidaei</i> (Lem.) Byles & G.D. Rowle	73%
Bacupari	Clusiaceae	<i>Garcinia brasiliensis</i> Mart.	73%
Caju	Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L.	60%
Ingá-mirim	Leguminosae	<i>Inga laurina</i> (Sw.) Willd.	60%
Murici	Malpighiaceae	<i>Byrsonima sericea</i> DC.	60%
Cabeça-de-frade	Cactaceae	<i>Melocactus violaceus</i> Pfeiff.	53%
Cipó-imbê	Araceae	<i>Philodendron corcovadense</i> Kunth	47%
Tucum	Palmae	<i>Bactris setosa</i> Mart.	47%
Arumbeba	Cactaceae	<i>Brasiliopuntia brasiliensis</i> (Willd.) A. Berger	47%
Japecanga	Smilacaceae	<i>Smilax rufescens</i> Griseb.	47%
Canema	Solanaceae	<i>Cestrum laevigatum</i> Schlttdl.	47%
Gravatá	Bromeliaceae	<i>Neoregelia cruenta</i> (Graham) L.B. Sm	40%
Bapuana	Myrtaceae	<i>Neomitranthes obscura</i> (DC.) Silveira	40%
Saputiquiaba	Sapotaceae	<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) T.D. Penn.	40%



I. Aroeira



Nome científico: *Schinus terebinthifolius* Raddi

Família: Anacardiaceae

Árvore de 5 a 10 m de altura, com tronco revestido de casca grossa, fissurada longitudinalmente, acastanhada a castanho-acinzentada. Folhas compostas, imparipenadas, fortemente aromáticas, com 3 a 10 pares de folíolos; raque alada, folíolos sésseis, de 1,5 a 5 cm de compr. e 2 a 3 cm de larg., elípticos, base assimétrica, ápice agudo e margem serrada ou inteira. Inflorescência em cachos terminais de 4 a 11 cm de compr. Flores pequenas, com 5 pétalas brancas. Fruto drupa esférica de cerca de 0,5 cm de diâm., vermelha a purpúrea quando maduras. Sementes muito aromáticas e apimentadas.

Onde é encontrada? Na região de Cabo Frio ocorre em florestas de restinga e áreas de vegetação aberta. Por ser uma árvore muito ornamental, é utilizada na arborização de ruas e praças. No Rio de Janeiro é encontrada na floresta atlântica e em restingas em todo o estado e também em capoeiras em regeneração. Além do Brasil (de Pernambuco ao Rio Grande do Sul), ocorre na Argentina, Uruguai e Paraguai.

Como é utilizada pelos pescadores artesanais?

Parte utilizada: Casca, raiz, tronco e frutos.

Usos: *Medicinal* – A casca é utilizada após cozimento, na medicina caseira, como adstringente e cicatrizante assim como na forma de banhos para tratamento de infecções na pele e frieiras; *Tecnologia* – A madeira é utilizada para moirões e cercas e também para construção de casas. No passado, quando as redes de pesca eram confeccionadas com linha de algodão ou fio de tucum, as raízes da aroeira cozidas eram usadas para tingir e dar maior durabilidade às redes; *Alimentar* – O fruto, vermelho e apimentado, é apreciado para comer nas caminhadas no mato, principalmente pelas crianças, e também por pássaros.

Advertência: A aroeira pode causar dermatite alérgica por contato direto principalmente com suas folhas e frutos¹. Os frutos pequenos e vermelhos são portadores de uma secreção pegajosa que exerce um efeito paralisante sobre pássaros e se ingeridos em grande quantidade podem matar (provavelmente, devido ao efeito tóxico desta secreção)².

¹ Veiga Junior, V. F.; Pinto A. C. & Maciel M. A. 2005. Plantas medicinais: cura segura? Quim. Nova 28(3): 519-528.

² Kaistha, K. K. & Kier, L. B. 1962. Structural studies on terebinthone from *Schinus terebinthifolius*. Journal of Pharmaceutical Sciences 51: 245-248.

Comprovação científica: O exsudado da planta (a resina) tem propriedades febrífuga, hemostática, antitussígena e anti-bacteriana³. Em todas as partes da aroeira, ensaios farmacológicos registraram a existência de propriedades antiinflamatória, cicatrizante e antimicrobiana para fungos e bactérias³.



2. Arumbeba



Nome científico: *Brasiliopuntia brasiliensis* (Willd.) A.Berger

Família: Cactaceae

Planta de porte arbóreo, com até 4 m de altura, caule geralmente ereto, cilíndrico, a parte basal com ou sem espinhos, os ramos laterais podem ser horizontais e cilíndricos e os centrais mais aplanados. Aréolas dispostas em séries espiraladas, distantes mais ou menos 3 cm entre si, com pequenos espinhos e cerdas curtas e 15 a 20 espinhos, com cerca de 3 cm de compr. Cladódios primários cilíndricos, seguidos de cladódios achatados, ovados a lanceolados, verdes, suculentos, de 5 a 10 cm de compr.; aréolas dos cladódios terminais com 1 a 2 espinhos de 1,5 a 3 cm de compr. Folhas de 2 a 5 mm de compr., verdes. Flores solitárias, com cerca de 4 cm de compr., amarelas, anteras amarelas; estilete alvo. Fruto globoso, amarelo, com cerca de 3,5 cm de compr. Sementes amarelas, testa pilosa, lisa, arilo enrijecido.

Onde é encontrada? Em Arraial do Cabo é encontrada nos morros litorâneos e nas florestas de restinga. Ocorre em outras restingas do Rio de Janeiro (São João da Barra, Macaé, Barra de São João, Cabo Frio, Maricá, Jacarepaguá e Marambaia). No Brasil ocorre também na Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo. Há ocorrência desta espécie também em outros países como, Peru, Bolívia, Paraguai e Argentina.

Como é utilizada pelos pescadores artesanais?

Parte utilizada: Frutos

Usos: *Alimentar* - Nas caminhadas pela restinga os pescadores consomem os frutos maduros, após retirarem bem os espinhos que o recobrem.

³ Mors, W.B.; Rizzini, C. T. & Pereira, N. A. 2000. Medicinal Plants of Brazil. Reference Publications, Inc. Michigan.



3. Bacupari



Nome científico: *Garcinia brasiliensis* Mart.

Família: Clusiaceae

Árvore de 2 a 9 m de altura, glabras, com látex amarelo. Folhas opostas, coriáceas, levemente ásperas na face inferior, com ápice, agúdo e obtuso; pecíolo na face superior muitas vezes escavado na base e com margem elevada. Inflorescência geralmente em fascículos axilares. Flores pequenas, brancas a amareladas, perfumadas geralmente dióicas ou polígamas. Nectários às vezes presentes. Fruto baga suculenta, globosa, amarela.

Onde é encontrado? Na região de Cabo Frio ocorre na mata seca de restinga e também na vegetação aberta. É encontrado em outras restingas do Rio de Janeiro, como: São João da Barra, Macaé, Barra de São João, Maricá, Jacarepaguá, Grumari, Marambaia e Reserva Biológica da Praia do Sul.

Como é utilizado pelos pescadores artesanais?

Parte utilizada: Frutos.

Usos: *Alimentar* – Os frutos são apreciados pelos pescadores que os consomem maduros e crus.

4. Bajirú



Nome científico: *Chrysobalanus icaco* L.
Família: Chrysobalanaceae

Arbusto ou até pequena árvore de aproximadamente 3 m de altura, com caule tortuoso ou reto. Folhas simples alternas, voltadas para cima, medindo de 4 a 8 cm de compr. e 2,5 a 6 cm em larg., coriáceas, redondas ou elípticas de coloração verde-escura e lustrosa na face superior e verde-clara na face inferior. Inflorescência cimosa, com diversas flores branco-esverdeadas, de cerca de 1 cm de diâm. O fruto é uma drupa, esférica a elipsóide, com 2 a 4 cm de compr.; a polpa é branca, rosa ou roxa.

Onde é encontrado? Em Arraial do Cabo é encontrado na vegetação aberta de restinga e entre dunas. Ocorre em outras restingas do estado, como: Barra de São João, Marambaia e Reserva Biológica da Praia do Sul. É comum ao longo de toda a costa do Brasil. Há ocorrência desta espécie também no litoral dos países do norte da América do Sul e na América Central, e até na costa ocidental da África.

Como é utilizada pelos pescadores artesanais?

Parte utilizada: Frutos e folhas.

Usos: *Alimentar* - Os frutos são apreciados pelos pescadores que os consomem maduros e crus; muitas vezes chamados de maçãs da praia; *Medicinal* - Planta de grande valor para os pescadores e intensamente utilizada para problemas de diabetes ou pedras nos rins. As entrevistas indicaram que a diabetes é uma das doenças mais comuns entre eles. “[...] tem um remédio bom pra diabetes, o bajirú...” (Seu Alexis)

Comprovação científica: Esta planta apresenta propriedades diurética, hipoglicemiante, analgésica e antiinflamatória^{4,5,6}. O uso da casca é antidiabética; já a raiz, casca e flores são adstringentes e indicadas no tratamento de diarreia crônica, blenorragia, leucorréia e catarro da bexiga⁷.

⁴ Presta, G.A.; Pereira, N.A. 1987. Atividade do abagerú (*Chrysobalanus icaco* Lin, Chrysobalanaceae) em modelos experimentais para o estudo de planta. Revista Brasileira de Farmácia, 68: 91-101.

⁵ Castilho, R. O.; Souza, I. de & Guimaraes, Ú. P. 2000. A survey of chemistry and biological activities of Chrysobalanaceae. An. Acad. Bras. Ciênc. 72 (2): 292-293.

⁶ Almeida Costa, O. de. 1997. Plantas Hipoglicemiantes Brasileiras. II. Leandra 7: 63-75.

⁷ Mors, W.B.; C.T. Rizzini & N.A Pereira. 2000. Medicinal Plants of Brazil. Reference Publications, Inc. Michigan.



5. Bapuana



Nome científico: *Eugenia copacabanensis* Kiaersk

Família: Myrtaceae

Arbusto a pequena árvore de até 6 m de altura, glabra; tronco com casca externa desfolhando em lâminas. Folhas opostas elípticas, ovadas ou lanceoladas, ápice acuminado, base cuneada a decorrente, margem revoluta com um espessamento amarelo, coriácea, com face superior brilhante, densamente pontuada; 4 a 7 cm de compr. e 2 a 3,5 cm de larg. Flores em fascículos, com 4 a 6 flores, com pétalas e estames brancos. Fruto baga piriforme, 3 a 4 cm de compr. e 2 a 2,5 cm de larg., amarelo-alaranjada quando madura.

Onde é encontrada? Na região de Cabo Frio ocorre na vegetação arbustiva aberta e fechada e nas florestas de restinga. É restrita ao estado do Rio de Janeiro, sendo encontrada nas restingas de Maricá, Jacarepaguá, Marambaia e Reserva Biológica da Praia do Sul⁸.

Como é utilizada pelos pescadores artesanais?

Parte utilizada: Tronco e frutos.

Usos: *Artesanal* - O tronco é cortado e utilizado na confecção de utensílios e bilros (para tecer rendas); *Alimentar* - Os frutos maduros são consumidos crus, embora não muito saborosos. São também coletados para serem colocados em infusão na cachaça.

⁸ Souza, M.C. 2005. Myrtaceae Juss. da Restinga de Marambaia, RJ – Brasil. Dissertação de Mestrado. ENBT-Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

6. Cabeça-de-frade



Nome científico: *Melocactus violaceus* Pfeiff

Família: Cactaceae

Plantas globosas de 12 a 15 cm de altura, 9 a 15 costadas, costas com cerca de 1 cm; cefálio com 3 a 5 cm de compr., tricomas alvos, cerdas rosadas passando a acinzentadas com o tempo; aréolas oblongas, de 0,8 a 1 cm distantes entre si, com 6 a 12 espinhos, divergentes, 1 central ou ausente, com cerca de 2 cm de compr. Flores róseas com cerca de 2 cm de compr., segmentos do perianto agudo-lanceolados, membranáceos. Fruto baga rósea, clavada, com cerca de 2 cm de compr.; exclusiva do cefálio após a maturação; sementes globosas, testa negra brilhante, cerca de 1 mm de compr.

Onde é encontrado? Em Arraial do Cabo ocorre na vegetação aberta de restinga, assim como em outras restingas do estado do Rio de Janeiro, como Macaé, Barra de São João, Cabo Frio, Maricá, Jacarepaguá, Marambaia. Ocorre também no Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Sergipe, Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo.

Como é utilizado pelos pescadores artesanais?

Parte utilizada: Toda a planta.

Uso: *Ornamental* – Os pescadores admiram esta espécie por sua beleza em alguns casos tentam cultivá-la em casa, assim como as orquídeas.



7. Caju



Nome científico: *Anacardium occidentale* L.

Família: Anacardiaceae

Árvore com cerca de 8 m de altura, com resina amarelo-transparente na entrecasca que, ao secar, torna-se cristalizada. Folhas alternas, de 5 a 15 cm de compr. por 5 a 9 cm de larg., simples, glabras, oblongas, elípticas a obovadas, de margem inteira, ligeiramente ondulada, lisas; folhas jovens rosadas a avermelhadas. Inflorescência racemosa, com as flores rosa-avermelhadas. A castanha, é o fruto verdadeiro, reniforme, marrom-esverdeada com 3 a 5 cm de compr., possui resina espessa e pegajosa. O pedúnculo do fruto desenvolvido e suculento é geralmente considerado fruto, carnoso, amarelo-avermelhado, oblongo-ovado, com cerca de 10 cm de compr.

Onde é encontrado? É amplamente cultivado em muitos lugares dos Neotrópicos, sendo difícil determinar sua distribuição natural. No Rio de Janeiro é encontrado na vegetação aberta de restinga, principalmente nas restingas do norte do estado⁹. O cajueiro é nativo da América do Sul, tendo populações disjuntas no Planalto do Brasil Central, nas restingas da costa Atlântica brasileira, nas savanas da bacia amazônica e no llanos de Colômbia e Venezuela.

Como é utilizado pelos pescadores artesanais?

Parte utilizada: Frutos e casca.

Usos: *Alimentar* - Os frutos (pseudofrutos) são bastante apreciados pelos pescadores que os consomem maduros (crus), na forma de sucos, refrescos e também colocam em infusão na cachaça; *Medicinal* - A casca é cozida, usada em banhos para lavar feridas e eczemas na pele, sendo anti-séptico e bactericida; e o chá é ingerido para ser utilizado como febrífugo e em tratamentos de diarreias.

Comprovação científica: A decocção da casca do caju apresenta propriedades anti-séptica, anti-disentérica, anti bacteriana¹⁰, antiinflamatória¹¹, adstringente. É uma planta usada para tratamentos de úlcera estomacal¹²; leishmaniose¹³ e diabetes¹⁴.

⁹ Mitchell, J.D. & Mori, S.A. 1987. The cashew and its relatives (*Anacardium*: Anacardiaceae). Memoirs of the New York Botanical Garden, 42: 1-76.

¹⁰ Akinpelu, D. A. 2001. *Antimicrobial activity of Anacardium occidentale bark*. Fitoterapia 72(3): 286-87.

¹¹ Mota, M. L., 1985. Anti-inflammatory actions of tannins isolated from the bark of *Anacardium occidentale* L. J. Ethnopharmacol. 13(3): 289-300.

¹² Kubo, J., 1999. Anti-Helicobacter pylori agents from the cashew apple. J Agric Food Chem; 47(2): 533-7.

¹³ França, F., 1993. An evaluation of the effect of a bark extract from the cashew (*Anacardium occidentale* L.) on infection by *Leishmania* (Viannia) *braziliensis*. Rev. Soc. Bras. Med. Trop. 26(3): 151-55.

¹⁴ Kamtchouing, P., 1998. "Protective role of *Anacardium occidentale* extract against streptozotocin-induced diabetes in rats. J. Ethnopharmacol. 62(2): 95-9.

8. Cambuí



Nome científico: *Myrciaria floribunda* (H. West ex Willd.) O. Berg

Família: Myrtaceae

Arbusto ou árvore com até 15 m de altura, com casca lisa, de cor marrom ou até esbranquiçada, que descasca como a goiabeira. Folhas glabras, brilhosas, elípticas, lanceoladas ou ovado-lanceoladas, de 5 a 8 cm de compr. e 2 a 3 cm de larg., ápice agudo ou longo acuminado, base cuneada, raro obtusa. Inflorescência em fascículos axilares ou ramifloros com 2 a 4 flores brancas; botões florais globosos, até 3 mm de diâm. Fruto globoso, até 10 mm de diâm., negro quando maduro.

Onde é encontrado? Em Arraial do Cabo é encontrado na vegetação aberta de restinga, assim como em outras restingas do estado do Rio de Janeiro, como São João da Barra, Macaé, Barra de São João, Cabo Frio, Maricá, Jacarepaguá e Marambaia. Além do Brasil, ocorre em outros países da América do Sul e América Central.

Como é utilizado pelos pescadores artesanais?

Parte utilizada: Frutos.

Usos: *Alimentar* - Nas longas caminhadas pela restinga os pescadores consomem os frutos maduros. É um dos frutos mais apreciados na restinga de Arraial do Cabo, pois as comunidades locais os consomem intensamente, crus e também colocados na cachaça.



9. Canema



Nome científico: *Cestrum laevigatum* Schltl.

Família: Solanaceae

Árvore com cerca de 3 m de altura, com ramos cilíndricos, glabros. Folhas inteiras, alternas, membranáceas, lanceoladas a obovadas, de até 15 cm compr. e 5 cm de larg., ápice obtuso a acuminado, base aguda, decorrente. Folhas estipuláceas aos pares, lanceoladas, reflexas, com cerca de 2 cm de compr. Flores brancas, tubulosas, organizadas em racemos terminais ou axilares, subsésseis. Fruto baga oblonga ou ovóide, 1 a 2 cm de compr. com cálice persistente e 5 a 8 sementes.

Onde é encontrada? Em Arraial do Cabo ocorre em áreas abertas de restinga e em áreas de capoeira em regeneração, assim como em todo o litoral do estado do Rio de Janeiro. Ocorre em todo o Brasil exceto no Rio Grande do Sul.

Como é utilizada pelos pescadores artesanais?

Parte utilizada: Tronco e folhas.

Usos: *Tecnologia* – O tronco é cortado para ser utilizado na confecção de utensílios domésticos, como colher de pau e também cabo de enxada.

Advertências: Algumas espécies de *Cestrum* são conhecidas pela toxicidade que apresentam. Nos estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo *Cestrum laevigatum*, é uma das plantas tóxicas mais importantes sendo responsável pela intoxicação e conseqüente “morte súbita” em bovinos, caprinos e ovinos em áreas de pastagens¹⁵.

¹⁵ Döbereiner J., Tokarnia C.H. & Canella C.F.C. 1969. Intoxicação por *Cestrum laevigatum* Schlecht., a causa de mortandade em bovinos no estado do Rio de Janeiro. Pesq. Agropec. Bras. 4:165-193.

10. Cardeiro



Nome científico: *Pilosocereus arrabidaei* (Lem.) Byles & G.D. Rowley

Família: Cactaceae

Planta de porte arbustivo, colunares, de 1 a 7 m de altura, ramificadas, verdes com 4 a 8 costas de 3 cm de altura e 2 cm de larg.; aréolas floríferas, circulares, 5 a 8 mm de diâm., tricomos curtos, acinzentados. Espinhos amarelados no ápice do cladódio, 1 a 3 centrais, com 2 a 4 cm de compr. e 7 radiais, com cerca de 2 cm de compr. Flores brancas, com cerca de 8 cm de compr., esverdeadas na parte basal. Fruto baga, globosa achatada, rósea, de 3 a 5 cm de compr., 4 a 7 cm de larg., funículos róseos, crassos, adocicados; sementes negras, com cerca de 15 mm de compr.

Onde é encontrado? Em Arraial do Cabo ocorre principalmente na vegetação de restinga, sendo encontrado na maioria das restingas do estado do Rio de Janeiro. Ocorre também na Bahia e no Espírito Santo.

Como é utilizado pelos pescadores artesanais?

Parte utilizada: Frutos e toda a planta.

Usos: *Alimentar* – Os frutos são apreciados pelos pescadores nas suas caminhadas pela restinga, consumidos maduros e crus; *Ornamental* - Alguns moradores, além de admirá-la na natureza, a cultivam em seus quintais.



II. Cipó-imbê



Nome científico: *Philodendron corcovadense* Kunth

Família: Araceae

Erva terrestre a hemiepífita; pecíolo longo até cerca de 50 cm compr.; Folhas sagitadas, cartáceas, com margens repandas, esverdeadas sendo mais escura na face superior; pedúnculo mais curto que a espata; espata esverdeada externamente e esbranquiçada internamente; espádice com flores unissexuais, dividida em zona feminina na base, zona masculina estéril na região mediana e fértil no ápice. Fruto baga, amarelo-alaranjada.

Onde é encontrado? Em Arraial do Cabo é encontrado na vegetação aberta de restinga, geralmente na borda de moitas ou interior das matas. Nas restingas do estado do Rio de Janeiro ocorre também em Cabo Frio, Maricá, Jacarepaguá, Grumari, Marambaia.

Como é utilizado pelos pescadores artesanais?

Parte utilizada: Raiz

Uso: *Artesanal* – Apresenta importância na cultura e tradição em Arraial do Cabo, pois foi vastamente utilizada na manufatura de cestos em geral e cordas.

12. Gravatá



Nome científico: *Neoregelia cruenta* (Graham) L.B. Sm.

Família: Bromeliaceae

Planta herbácea, acaule, com folhas dispostas em roseta. Folhas liguladas, cerca de 20, rígidas, acanaladas coriáceas, longas, com 7 a 9 cm de largura, verdes com uma mancha roxo-avermelhada no ápice, margens serradas com espinhos robustos, vermelhos. Inflorescência no centro da roseta com uma porção coberta por água. Flores azuis com a parte central branca. Fruto baga avermelhada com muitas sementes.

Onde é encontrado? Na região de Cabo Frio vive na vegetação aberta de restinga, na borda ou interior das moitas. É encontrado na maioria das restingas do estado do Rio de Janeiro.

Como é utilizado pelos pescadores artesanais?

Parte utilizada: Frutos (conhecidos como chupe-chupe) e folhas.

Usos: *Alimentar* – Os frutos são apreciados pelos pescadores que os consomem maduros e crus no campo, enquanto caminham para pescar; *Artesanal* - A folha é usada para confeccionar uma pequena “bolsinha” para coletar seu próprio fruto, bem como outros de espécies da restinga, principalmente o cambuí.

É importante para os pescadores locais, pois na sua roseta (parte central), forma-se um reservatório de água doce que permite a sobrevivência de pequenos animais que podem servir como iscas para pesca ou, em caso de necessidade, pode haver o consumo desta água em longas caminhadas.



13. Guapeba



Nome científico: *Manilkara subsericea* (Mart.) Dubard

Família: Sapotaceae

Árvore de 2 a 10 m de altura com ramos acinzentos. Folhas de 7 a 10 cm de compr. e 4 a 6 cm de larg., obovado-oblongas ou ovado-elípticas, arredondadas ou obtusas ou emarginadas, subcoriáceas, glabras na face superior prateado-brilhantes e na face inferior com densos pêlos; margem foliar revoluta quando secas. Inflorescências castanho-amareladas em fascículos de cerca de 1,5 cm. Flores perfumadas; cálice com lobos triangulares a ovado-agudos, os interiores alvos-seríceos, os mais externos reflexos na antese. Fruto baga ovóide, avermelhada. Sementes ovóides.

Onde é encontrada? Na região de Cabo Frio é encontrada na vegetação aberta de restinga, sendo comum em todas as restingas do estado do Rio de Janeiro. No Brasil distribuí-se da Bahia até Santa Catarina.

Como é utilizada pelos pescadores artesanais?

Parte utilizada: Tronco e frutos.

Usos: *Construção* – A madeira utilizada para construções, embora este uso não seja tão difundido; *Alimentar* - Frutos tão apreciados em Arraial, assim como o cambuí. Os pescadores os consomem intensamente, maduros e crus, em caminhadas específicas para os coletarem nas restingas.

14. Guriri



Nome científico: *Allagoptera arenaria* (Gomes) Kuntze

Família: Palmae

Planta com cerca de 2 m de altura, com caule subterrâneo, rizomatoso. Folhas pinadas com bainha não tubular, fibrosa e pecíolo de 40 a 60 cm de compr., coberto por pêlos com aspecto de lã na porção basal. Inflorescência de 65 a 100 cm de compr., com pendúculo robusto, muricado, coberto por pêlos brancos com aspecto de lã; bráctea da inflorescência com 60 a 80 cm de compr., apiculada, lenhosa, sulcada, bege na parte externa, marrom a arroxeada na parte interna. Fruto drupa ovada, amarelada, com pêlos tipo lã.

Onde é encontrado? Na região de Cabo Frio ocorre na vegetação aberta de restinga e nos morros litorâneos a beira mar, bem como é encontrado nas demais restingas do estado do Rio de Janeiro. No Brasil distribui-se na planície litorânea da Bahia até São Paulo, em dunas ou áreas de restinga.

Como é utilizado pelos pescadores artesanais?

Parte utilizada: Fruto (conhecido como coquinho, coquinho da praia)

Uso: *Alimentar* - Os pequenos frutos, maduros, são apreciados na região, sendo consumidos diretamente (crus), especialmente nas travessias para pescar, são coletados e levados para casa e consumidos, após amassados no pilão com farinha de mandioca e utilizados na hora do café (no lugar do pão ou bolo).

15. |ngá-mirim



Nome científico: *Inga laurina* (Sw.) Willd.

Família: Leguminosae-Mimosoideae

Árvore com 3 a 8 m de altura, ramos cilíndricos, glabros. Folhas compostas, alternas, com raque de 1,5 a 4 cm de compr., glabro, marginado ou, raras vezes, levemente alado na parte superior. Pequenos nectários entre os folíolos presentes. Folíolos 2 a 4 pares, elípticos a obovados, ápice agudo a obtuso ou atenuado, base aguda, assimétrica. Inflorescências em ramos axilares curtos, na axila de folhas não desenvolvidas. Flores esbranquiçadas com estames alongados. Fruto glabro, achatado a convexo, reto ou levemente curvado, legume-bacóide com a base geralmente assimétrica.

Onde é encontrado? Em Arraial do Cabo é encontrado na floresta e vegetação aberta de restinga. No Rio de Janeiro ocorre nas restingas de São João da Barra, Macaé, Cabo Frio, Jacarepaguá, Grumari, Marambaia. É uma espécie de ampla distribuição no Brasil e na região Neotropical.

Como é utilizado pelos pescadores artesanais?

Parte utilizada: Frutos e tronco.

Usos: *Alimentar* - Os frutos são coletados e abertos, para que se possa comer a “polpa” (envoltório da semente); *Tecnologia* - O tronco, cuja casca é vermelha, é utilizado para confecção de caverna de barco; *Combustível* - A madeira é usada como lenha.



16. Japecanga



Nome científico: *Smilax rufescens* Grisebach

Família: Smilacaceae

Trepadeira ereta ou prostrada, com caule de 1 a 3 mm de diâm., cilíndrico, liso ou áspero, estriado, com acúleos de 2 a 5 mm de compr., esparsos. Folhas alternas de 5 a 12 cm de compr. e 2 a 10 cm de larg., ovadas, arredondadas ou elípticas, coriáceas, ápice arredondado, agudo ou emarginado, com apículo, base levemente cordada, emarginada ou truncada, margem plana, às vezes aculeada; 3 nervuras principais que partem próximo da base. Inflorescências em cimeiras umbeliformes, com flores esverdeadas, pequenas. Fruto baga globosa, com cerca de 1 cm de diâm., quando madura arroxeada a negra; semente com cerca de 6 mm de diâm., avermelhada.

Onde é encontrada? Em Arraial do Cabo é encontrada na vegetação aberta de restinga. Ocorre na maioria das restingas do estado do Rio de Janeiro.

Como é utilizada pelos pescadores artesanais?

Parte utilizada: Raiz

Usos: *Medicinal* - As raízes da japecanga são coletadas e colocadas em infusão no vinho ou na cachaça por alguns dias e depois consumidas como depurativa para o sangue, “afinando o sangue” e também para tratamentos de anemia.

17. Murici



Nome científico: *Byrsonima sericea* DC.

Família: Malpighiaceae

Arbusto de 1 a 4 m de altura, com base engrossada e lenhosa, ramos ascendentes e eretos. Folhas opostas, coriáceas, com pêlos, de 3 a 6 cm de compr. e 3 cm de larg., obovadas a elípticas. Inflorescência em racemos terminais, de 5 a 10 cm de compr., com flores amarelas, com glândulas visíveis no cálice. Fruto drupa globosa, amarela, com cerca de 1 cm de diâm. e apenas uma semente.

Onde é encontrado? Em Arraial do Cabo é encontrado na vegetação aberta de restinga, em solo arenoso. Além do Rio de Janeiro, ocorre nos demais estados do sudeste e também do Centro-Oeste (Goiás) e Nordeste (Pernambuco).

Como é utilizado pelos pescadores artesanais?

Parte utilizada: Raiz, casca e frutos.

Usos: *Tecnologia* – O murici assim como a aroeira (*Schinus terebinthifolius*), tem grande importância regional, pois fazem parte da cultura e tradição local. Estas duas espécies no passado eram utilizadas para tingir rede de pesca, embora existisse uma notória preferência pelo murici, pelo fato dos pescadores citarem, nas entrevistas, que ao manusear grande quantidade de aroeira esta pode provocar fortes queimaduras à pele. O processo de retirada do pigmento do murici consiste na coleta da raiz e casca, em seguida, coloca-se na canoa a água do mar, a raiz e a casca bem “socadas” e por fim a rede de pesca para curtir alguns dias ao sol; *Alimentar* - Os pequenos frutos maduros são consumidos crus ou na forma de sucos, porém este uso não é muito difundido.

“... a fruta murici, ela tem uma raiz que serve pra tingir a rede, ela é vermelha, chama aqui de murici-mirim, ele dá uma raiz fina, e é a melhor que tem ... pega a raiz bota ela dentro do saco, bota água, aí deixa o sol cozinhar ... o sol cozinha por um dia, aí sai a tinta, aí você mexe ela e põe a rede, põe a rede e deixa a rede um dia ali curtindo, bota no barco e leva 5 a 6 dias sem usar a rede, chamamos de infusão, quando ela fica ali sem usar, ali que ela apanha a cor”. (Seu Chonca)



18. Pitanga



Nome científico: *Eugenia uniflora* L.

Família: Myrtaceae

Arbusto ou árvore de 3 a 12 m de altura, com tronco geralmente um pouco tortuoso, de casca lisa e ramificação densa e fina, pendente quando árvore isolada e ascendente quando em mata fechada. Folhas opostas, cartáceas, ovadas e oblongas, com ápice atenuado a acuminado, de 2,5 a 7 cm de compr., e 1 a 3 cm de larg. As folhas são marcadas por pequenas manchas obscuras e translúcidas, circulares e quando frescas, ao serem friccionadas exalam odor suave e agradável, característico. Fruto baga globosa, costada, com cerca de 1,5 cm de diâm., vermelha, sucosa, com uma só semente.

Onde é encontrada? Na região de Cabo Frio é encontrada na floresta e vegetação aberta de restinga, assim como em outras restingas do estado do Rio de Janeiro, como: São João da Barra, Macaé, Maricá, Jacarepaguá, Grumari, Marambaia e Reserva Biológica da Praia do Sul. No Brasil apresenta ampla distribuição, da Bahia ao Rio Grande do Sul. Ocorre na Argentina, Paraguai e Uruguai.

Como é utilizada pelos pescadores artesanais?

Parte utilizada: Frutos, folhas e tronco.

Usos: *Alimentar* - Os seus frutos são bastante apreciados pelos pescadores que os consomem maduros e crus, bem como na forma de geléias, doces, sucos e em infusões em cachaça; *Medicinal* - As folhas são usadas como antitérmicas, para “baixar a febre”, para “curar gripe” e também é antidiarréica; *Tecnologia* - O tronco é coletado para confecção de agulhas de diferentes tamanhos, para costurar rede de pesca.

Comprovação científica: As folhas de pitanga são aromáticas¹⁶, têm atividades antibiótica, anti-diarréica¹⁷; febrífuga, anti-reumática, usadas em tratamentos de gripes e resfriados comuns¹⁸. Testes farmacológicos demonstraram ainda ação analgésica, diminuição do trânsito intestinal¹⁹, diurética, vasodilatador, anti-hipertensiva²⁰.

¹⁶ Weyerstahl, P.; Marschall-Weyerstahl, H.; Christiansen, C.; Oguntimein, B.O. & Adeoye, A. O. 1988. Volatile contents of *Eugenia uniflora* leaf oil. *Planta Medica* 54: 546-549.

¹⁷ Souza, G. C.; A.P.S.; Poser, G.L. von; Schapoval, E.E.S. & Elisabetsky, E. 2004. Ethnopharmacological studies of antimicrobial remedies in the south of Brazil. *Journal of Ethnopharmacology* (90) 135-143.

¹⁸ Mors, W.B.; Rizzini, C.T. & Pereira, N.A. 2000. *Medicinal Plants of Brazil*. Reference Publications, Inc. Michigan.

¹⁹ Schumeda-Hirschmann, G.; Franco, C.T.L.; Ferro, E. & Arias, A.R. 1987. Preliminary pharmacological studies on *Eugenia uniflora* leaves: Xanthine oxidase inhibitory activity. *J. Ethnopharmacol.* 21: 183-186.

²⁰ Consolini, A.E.; Baldini O.A.N. & Amat A.G. 1999. Pharmacological basis for the empirical use of *Eugenia uniflora* L. (Myrtaceae) as antihypertensive. *J. Ethnopharmacol.* 66:33-39.

19. Saputiquiaba



Nome científico: *Sideroxylon obtusifolium* (Roem. & Schult.) T. D. Penn.
Família: Sapotaceae

Árvore ou arbusto de 2 a 6 m de altura, com látex branco; tronco cinzento-amarronzado, rachado ou fissurado. Espinhos axilares ou terminais geralmente presentes em ramos jovens. Folhas alternas de 3 a 5 cm de compr. e 1,5 a 2,5 cm de larg., subcoriáceas, ovadas, elípticas, oblongo-lanceoladas ou obovadas, ápice obtuso, truncado ou emarginado, base levemente atenuada. Inflorescências em umbelas axilares, com flores pequenas, branco-amareladas. Fruto baga negra, globosa ou elipsóide de 1 a 2 cm de compr., com apenas uma semente.

Onde é encontrada? Em Arraial do Cabo é encontrada em áreas remanescentes de florestas de restinga, bem como em outras restingas do estado do Rio de Janeiro, geralmente crescendo próximo à praia. Ocorre também nas caatingas do Vale do São Francisco e outras localidades, especialmente litorâneas, do Nordeste e no Pantanal Matogrossense.

Como é utilizada pelos pescadores artesanais?

Parte utilizada: Tronco e frutos

Usos: *Construção* – O tronco é apreciado para utilização em construções de casas e consertos de canoas e/ou embarcações. Esta madeira é ressaltada pelos pescadores pela sua grande resistência ao tempo e impermeabilidade; *Combustível* – Tronco coletado para lenha; *Alimentar* – Os frutos maduros são consumidos, embora nos dias de hoje com menos interesse. Na verdade, há relatos de que os sambaquieiros (os homens pré-históricos) que viviam nesta região apreciavam esses frutos que carregavam em suas travessias pela restinga.

“A madeira boa, depende da lua. Em lua cheia a madeira coletada apodrece mais rápido, entra água e racha com mais facilidade”. (Seu Chonca)

“... a madeira é mais importante, a fruta é ruim, a fruta é docinha mas se você se empolga... quando percebe está com os lábios todos queimados ... não parece, ela não arde, não queima nada não, ela tem um leite que fica colando ...” (Seu Chonca)

Comprovação científica: A casca do tronco e casca das raízes tem propriedades adstringente, tônica, antiinflamatória e antidiabética (hipoglicemiantes)²¹.

²¹ Almeida, R.N.1982. Avaliação da atividade hipoglicemiante e isolamento de alguns triterpenóides de *Bumelia sartorum* Mart. Universidade Federal da Paraíba. 183p. Dissertação de mestrado.



20. Tucum



Nome científico: *Bactris setosa* Mart.

Família: Palmae

Planta com 2 a 4 m de altura, formando moitas, com caule de 3 a 4 cm de diâm., densamente espinhosa nos entrenós. Folhas pinadas com bainha de 20 a 30 cm de compr., não tubular, fibrosa na margem, de cor marrom com 2 a 5 folhas com espinhos dispersos. Espinhos achatados, marrons ou amarelados, de base e pontas pretas, medindo 6 cm de compr. Inflorescência de 13 a 33 cm de compr., bráctea da inflorescência coberta por espinhos. Fruto drupa, globosa, de cerca de 2 cm de diâm., preta-roxeada.

Onde é encontrado? Em Arraial do Cabo é encontrado na vegetação aberta de restinga, próximo às áreas alagadas. Ocorre na maioria das restingas do Rio de Janeiro. Sua distribuição vai da Bahia até o Rio Grande do Sul, principalmente nas áreas costeiras.

Como é utilizado pelos pescadores artesanais?

Parte utilizada: Folhas e frutos.

Usos: *Tecnologia* - Da bainha foliar do tucum extraía-se fibras para confeccionar linha de pesca e tarrafas para pescaria. Os pescadores afirmam que embora esta fosse uma técnica extremamente demorada, as redes produzidas no passado com esta fibra, eram muito mais resistentes e duráveis do que os atuais. Segundo um antigo pescador, uma rede feita a partir da fibra de tucum durava quase 50 anos; *Alimentar* - Os frutos maduros podem ser consumidos crus ou por animais.

“Eu tinha tarrafa de tucum ... era um pedaço de cipó assim com uma roda meio assim, eu botava ali e torcia ele, o fio cru, ele era verde... Não fazemos mais porque hoje nós não temos mais aquelas fiadeiras que nós tínhamos, elas já morreram. Era tudo feito por mulher. Homem era só pra usar, mulher que fazia, a tarrafa de tucum era muito melhor do que a de nylon de hoje ... O tucum acabou aqui em 1940, 45 por aí ... mas nós usamos a tarrafa até quase 10 anos atrás, ela durava muito tempo ... A tarrafa de tucum durava quase uns 40 anos, 60 anos de praia ...” (Seu Alexis)

“O tucum é tipo uma palmeira ... que a gente tira as folhas e vai desfian-do ela todinha em casa ou lá restinga mesmo ... depois põe para secar um pouco, e depois colocava em um fuso, como um fiador, para enroscar, torcer o fio ... e então depois ia juntando, juntando aquilo tudo, por que a fibra é curta... e daí vinha a fibra pra fazer a linha de pesca, rede, tarrafas ... Ninguém tem mais essas coisas ... ninguém faz mais rede de tucum ... ela durava muito ...” (Seu Chonca).

Glossário



Acuminado: terminando em ponta prolongada, formando um ângulo maior que 30 graus com os lados.

Adstringente: que contrai, reduz, produz constrição.

Alada(o): provida(o) de expansões na forma de asas, portando ala.

Antera: parte apical dos estames, geralmente com duas tecas, onde são formados os grãos de pólen.

Antibacteriana: agente que combate as bactérias.

Anti-disentérica: contra uma infecção (disenteria) do intestino grosso que provoca normalmente fortes dores abdominais, ulceração das mucosas e diarreia.

Antiinflamatório: que combate a inflamação.

Antimicrobiana: agente que extermina as bactérias ou micróbios.

Anti-séptico: que age contra as infecções.

Antitussígena: agente que inibe o reflexo da tosse.

Aréola: pequena área distinta numa superfície e marcada por retículos, relevos, depressões etc.

Arilo: excrescência presente na superfície de muitas sementes. É muito variável, desde pequenas saliências até quase um envoltório carnosos.

Axilar: que fica na axila, termo usado para qualquer estrutura disposta na inserção das folhas, do ramo ou de outra parte.

Bactericida: que causa morte das bactérias.

Baga: fruto carnosos, com pericarpo geralmente fino e parte interna carnosa.

Bainha: estrutura basal e alargada da folha que normalmente abraça o caule.

Blenorragia: infecção purulenta da mucosa dos órgãos genitais.

Bráctea: órgão foliáceo que fica na base das flores ou das inflorescências.

Cálice: conjunto de sépalas que é o verticilo externo da flor.

Cartácea: com textura de papel grosso e rijo (como a cartolina).

Cefálio: nas cactáceas, é como uma “almofada” densamente pilosa onde geralmente surgem as flores e os frutos.

Cerda: pêlo mais espesso e resistente.

Cladódio: ramo verde e achatado, geralmente carnosos-sucosos, geralmente com a função de folhas, encontrado em algumas plantas, como por exemplo, as Cactáceas.

Clavado: em forma de clava; alongado e mais alargado em uma das extremidades.

Combustível: categoria de uso adotada para a madeira retirada para lenha de forma geral ou para uso em fogão de lenha.

Coriácea: que tem consistência que lembra couro.

Costada: que tem costas ou saliências alongadas, como muitos cactos.

Cuneada: em forma de cunha.

Crasso: que é espesso, grosso.

Decocção: extrato aquoso obtido pela fervura da matéria vegetal em água. O mesmo que cozimento.

Decorrente: diz-se da folha cuja base se estende no pecíolo ou no caule.

Diurética: que provoca a secreção abundante de urina.



Drupa: fruto carnoso com a parte interna (endocarpo ou caroço) endurecida, onde se encontra a semente.

Eczema: doença da pele, de natureza inflamatória, caracterizada por vermelhidão e por pequenas vesículas epidérmicas.

Elipsóide: em forma de elipse.

Elíptica: em forma de elipse; mais larga no meio e o comprimento duas vezes a largura.

Espata: bráctea desenvolvida protegendo uma inflorescência.

Estame: órgãos masculinos (nas flores) produtores de grãos de pólen.

Etnobotânica: o estudo das inter-relações diretas entre seres humanos e plantas. Esta disciplina abrange o estudo das inter-relações das sociedades humanas com a natureza.

Família botânica: grupo de plantas que apresentam parentesco e, frequentemente, semelhanças entre si. Os nomes das famílias têm a terminação em “aceae” (ex.: Anacardiaceae, Clusiaceae, Solanaceae ...).

Febrífuga: que auxilia no processo febril, normalmente lesando a temperatura corporal.

Fascículo: flores agrupadas em feixes, em grupos.

Folha alterna: quando só há uma folha em cada nó.

Folha composta: folha com o limbo subdividido em partes denominadas folíolos.

Folha oposta: quando há duas folhas em cada nó, geralmente uma de cada lado do ramo.

Folha simples: apresenta o limbo único, não subdividido em folíolos.

Folíolo: partes individuais, laminares, articuladas, de uma folha composta.

Funículo: parte que liga o óvulo à placenta.

Glabra: desprovida de pêlos, ou seja, sem pêlos.

Globoso: esférico, com forma esférica ou de globo.

Hemiepífita: que germina e começa seu desenvolvimento sobre um ramo de árvore, porém pode produzir raízes epígeas capazes de descer até o solo, de fincar-se nele e de absorver da terra nutrientes.

Hemostático(a): Procedimento ou medicamento que detém ou ajuda a deter hemorragia.

Hipoglicemiante: que reduz o nível de glicose no sangue.

Indumento: a totalidade de pêlos, glândulas e escamas numa estrutura.

Inflorescência: conjunto de flores de uma ramificação, sendo constante para cada espécie vegetal.

Infusão: extrato aquoso obtido da matéria vegetal colocada em água quente (chá ou chá abafado)

Lanceolada: diz-se da folha que tem forma de lança, mais longa que larga.

Legume-bacóide: fruto indeiscente (que não se abre) com mesocarpo polposo.

Lenhoso: que tem a consistência rígida, de madeira.

Leucorréia: secreção vaginal ou uterina. Flores brancas.

Limbo: à parte principal, normalmente laminar das folhas das plantas vasculares.

Membranáceo: fino e bastante flexível.

Muricado: provido de protuberâncias ou saliências.

Nectário: estrutura glandular que produz néctar. Pode ser de diversos tipos e localizados na flor (nectários florais) ou fora dela (nectários extraflorais).

Nervura: conjunto de elementos condutores de água e alimento na folha.

Nome científico: é o nome da planta dado pelos cientistas, sempre escrito em latim.

Nome comum: é o nome popular, pelo qual se conhece uma planta, em uma determinada região e/ou local.

Oblonga: diz-se da folha mais longa e com bordas quase paralelas.

Obovada: de forma oval invertida, com a parte mais larga no ápice.

Obtuso: formando um ângulo de 90 graus ou mais, com os dois lados retos ou levemente convexos.

Ovada: de forma oval, mais larga na parte basal.

Pecíolo: porção delgada da folha que prende o limbo ao ramo.

Pedúnculo: eixo de sustentação da flor ou do fruto.

Perianto: conjunto dos verticilos externos da flor (pétalas, sépalas ou tépalas).

Pescador artesanal: é uma categoria de população espalhada pelo litoral, pelos rios e pelos lagos e tem um modo de vida baseado principalmente na pesca, ainda que exerça outras atividades econômicas complementares, como o extrativismo vegetal, o artesanato e a agricultura. Embora, sob alguns aspectos, possa ser considerada uma categoria ocupacional, os pescadores, particularmente os chamados artesanais, apresentam um modo de vida peculiar, sobretudo aqueles que vivem das atividades pesqueiras marítimas que praticam a pesca, cuja produção em parte é consumida pela família e em parte é comercializada.

Polígamas: plantas que apresentam flores bissexuadas e unissexuadas no mesmo indivíduo ou em indivíduos diferentes.

Racemo: inflorescência na qual as flores são pedunculadas e se inserem num eixo alongado. O mesmo que cacho.

Raque: o eixo principal, ou central das folhas compostas e das inflorescências.

Reserva Extrativista: é uma das categorias de unidades de conservação de uso sustentável, cujo objetivo é compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável dos seus recursos naturais. De modo geral constitui-se de área utilizada por populações, cuja subsistência baseia-se no extrativismo e, complementarmente, na agricultura de subsistência e na criação de animais de pequeno porte, e tem como objetivos básicos proteger os meios de vida e a cultura dessas populações, e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais da unidade. É de domínio público com seu uso concedido às populações extrativistas.

Restinga: planícies arenosas a beira mar, do período quaternário, e toda a vegetação encontrada em cima destas.

Revoluta: em que as margens se enrolam para trás ou em direção a face inferior.

Rizomatoso: que tem rizoma ou caule subterrâneo.

Roseta: disposição em que as folhas se encontram muito juntas, imbricadas, lembrando a disposição das pétalas de uma rosa.

Sépala: cada um dos segmentos do cálice das flores.

Séssil: diz-se das folhas sem pecíolo ou das flores sem pedicelo ou qualquer órgão ou parte dele que não tem uma estrutura de típica de ligação.

Suculento: diz-se de qualquer órgão vegetal, ou de uma de suas partes, quando espessos e carnosos, com muito suco.

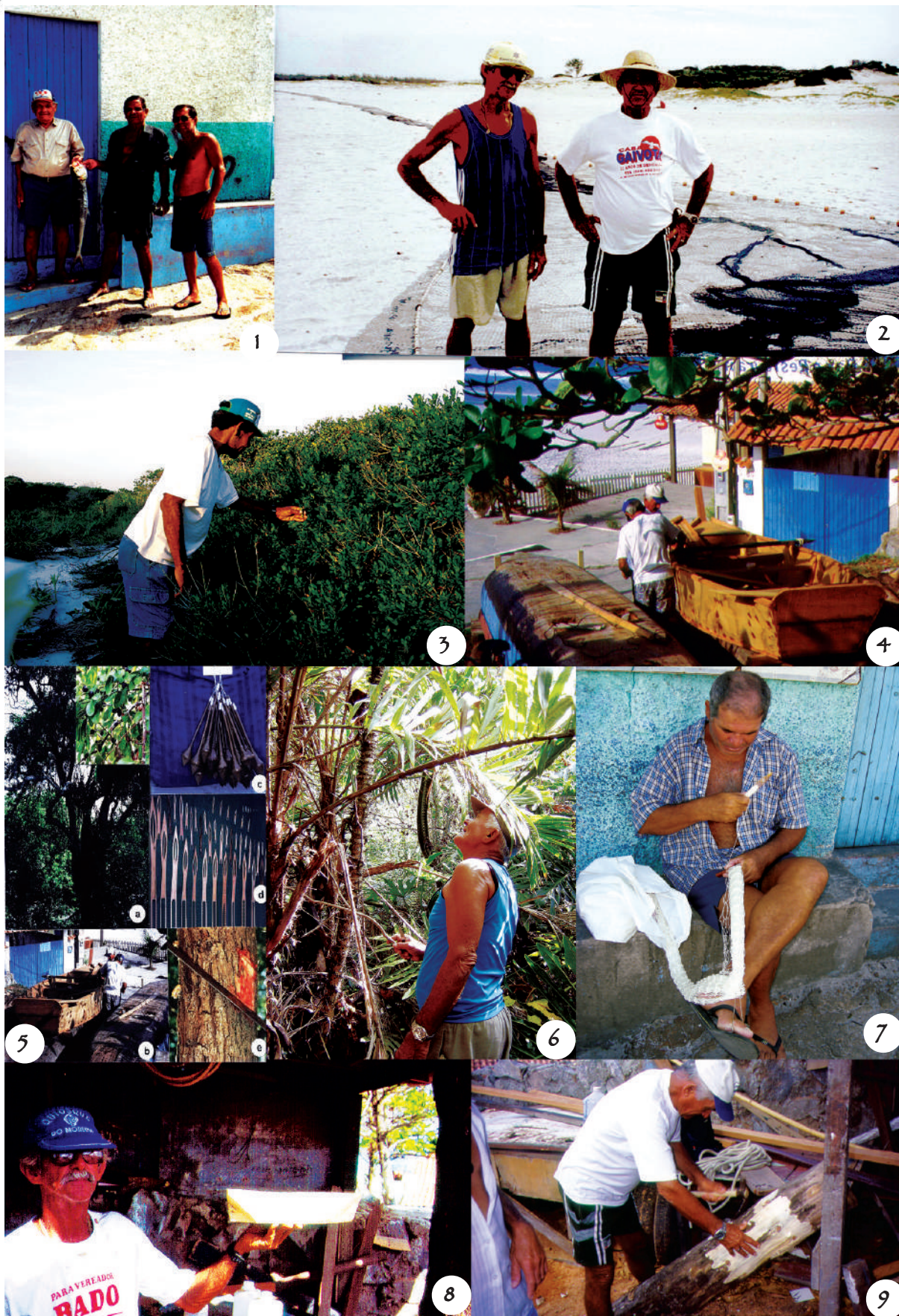
Testa da semente: tegumento externo na semente ou parte externa da semente.

Tricoma: termo geral para qualquer indumento que cobre partes de plantas, como folhas, pétalas etc.





Retratos do cotidiano



- 1) Pescadores artesanais Sr. Ovídeo - Seu Gorgulho (*in memorian*) e colaboradores;
- 2) Sr. Wilson (Seu Chonca) e Seu Alexis;
- 3) Sr. Ademas coletando frutos na restinga;
- 4) Sr. Wilson (Seu Chonca) e Seu Alexis na oficina de embarcações na Praia Grande, Arraial do Cabo.;
- 5) Espécies úteis e objetos confeccionados pelos pescadores artesanais na área da Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ; a,b) *Sideroxylon obtusifolium* (saputiquiaba) detalhe de ramo frutificado, e barco cujo acabamento e conserto foram processados com sua madeira; c) bilroo manufaturado com madeira de *Myrtaceae* (bapuana); d) agulhas para confecção de redes e tarrafas feitas com madeira de *Eugenia uniflora*; e) detalhe do tronco de *Schinus terebinthifolius* (aroeira) utilizada para tingir rede de pesca e em medicina tradicional como anti-séptica;
- 6) Seu Alexis identificando frutos de tucum (*Bactris setosa*) na restinga;
- 7) Seu Manoel tecendo a rede de pesca, utilizando a agulha feita de pitanga (*Eugenia uniflora*);
- 8) Seu Chonca apresentando uma canoa que confeccionou (artesanato local)
- 9) Seu Alexis confeccionando um rolo para conduzir as embarcações da areia para o mar.

